

ANTONIO CARLOS VILELA

Ilustrações
ÉRICO PERETI

LELÉ DA CUCA, Detetive Especial

*Adquirido pela Prefeitura
de Santana do Parnaíba (SP)
e pela Fundação Luís Eduardo Magalhães*



4ª edição

 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistentes editoriais: ELAINE CRISTINA DEL NERO

ELOÍSA DA SILVA ARAGÃO

NAIR HITOMI KAYO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Preparação de originais: ALEXANDRA CARDOSO DE
ALMEIDA

Suplemento de trabalho: MÁRCIA GARCIA

Coordenação de revisão: LÍVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Diagramação: ANGELICE MARIA TAIQUE

Produção gráfica: ROGÉRIO STRELICIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vilela, Antonio Carlos

Lelé da Cuca, detetive especial / Antonio Carlos Vilela ;
ilustrações Érico Pereti. — 4. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009.
— (Jabuti)

ISBN 978-85-02-07959-5

1. Literatura infantojuvenil I. Pereti, Érico. II. Título. III. Série.

99-2603

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

7ª tiragem, 2019

Todos os direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

CL: 810028

CAE: 571331

— **O**lha, a Malu! — disse Lelé a seu amigo Caco. Malu vinha pelo corredor da escola. Ela conversava com uma amiga sobre qualquer coisa. Ria muito, mostrando os dentes lindos e balançando os cabelos pretos.

— Oi... — disse Lelé quando ela passou ao seu lado. Mas a menina não deve ter ouvido, pois passou reto, sem reparar nele.

— Olha, o Bola... — disse Caco.

Bola, da mesma idade que Lelé, Caco e Malu (12 anos, todos na mesma classe), estava entre dois garotos mais velhos, que o ficavam jogando de um para o outro, com empurrões bem fortes. Apesar desse apelido, Bola não era gordo. Fanático por futebol, sempre que encontrava os amigos convidava: “E aí, vamos jogar bola?”.

— Ele precisa de ajuda — disse Lelé, puxando Caco pela camiseta.

— Sei não... Esses caras aí são do mal — respondeu Caco sem se mexer.

— O Bola é nosso amigo! — gritou Lelé, puxando-o com mais força e aproximando-se do grupo.

Ouvindo o grito de Lelé, os dois “grandões” voltaram-se para eles.

Ratão, o mais invocado, soltou Bola e virou-se para Lelé.

— Eu não te perguntei nada! Cai fora!

Com os olhões arregalados de medo, Caco começou a dar uns passos para trás. Lelé se adiantou e puxou Bola pelo braço.

— Tá certo, estamos indo — Lelé disse, enquanto tentava tirar Bola do meio deles.

Ratão riu e puxou Bola com força pelo outro braço, e depois o empurrou para cima de Lelé. Desequilibrados, os dois caíram, um por cima do outro.

— Ih, olha as meninas, namorando no meio do corredor! — gritou Ratão.

Malu, que estava a uma certa distância, olhou por causa do grito e riu da cena. Isso enfureceu Lelé, que levantou num pulo e se jogou sobre Ratão, mas foi imobilizado facilmente, seguro pelos braços. Canela, o outro grandão, disparou um soco na barriga de Lelé, que caiu sentado, com dificuldade para respirar.

— Sujou, “bróder” — avisou Ratão. — Olha o Seu Hilário. Vamos nessa.

Enquanto o bedel se aproximava e Lelé tentava recuperar o fôlego, Bola ajudou-o a se levantar. Ofegante, o garoto olhou novamente para Malu, que já não ria. Parecendo assustada, ela desviou o rosto e se afastou quando seu olhar cruzou com o de Lelé.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Seu Hilário.

— Tive um ataque de asma — disse Lelé.

— Isso é grave. Vamos para a secretaria — disse o bedel, sem acreditar.

— Não precisa, já estou melhor.

— Asma é coisa séria. Vamos lá.

Rindo, Bola deu uns tapinhas nas costas de Lelé.

— Valeu, meu irmão — disse, agradecido.

— Valeu o quê, garoto? Vá para sua aula — mandou Hilário.

Já de noite, Lelé sentado à mesa da cozinha, diante de um prato de frango xadrez. A comida ficou lá, esquecida, enquanto ele relia a aventura de Sherlock Holmes, *Um estudo em vermelho*. Doutor, o cão labrador amarelo, estava deitado embaixo da mesa.

Seu pai entrou em casa quando já passava de nove horas.

— Oi! — o pai cumprimentou. — E sua mãe?

— Avisou que vai demorar — respondeu Lelé, sem tirar os olhos do livro. — Está fazendo um trabalho para a faculdade na casa da Marineide.

Contrariado com a notícia, o pai se abaixou para beijá-lo. Ao ver o que Lelé estava lendo, forçou uma risada.

— Ainda não decorou esse livro? Deve ser a quinta vez que o está lendo.

— Ainda não — respondeu Lelé. — Na verdade, é a oitava vez. Mas só estou relendo as partes instrutivas.

— O que tem para comer? — perguntou o pai. — Não gosto de cachorro dentro de casa — disse, ao ver Doutor.

— Eu pedi comida chinesa — respondeu Lelé, ainda sem levantar os olhos. — Está no micro-ondas. E o Doutor não é um cachorro comum.

— Frango xadrez de novo? — reclamou o pai. — Qual a vantagem de ser casado? É faculdade de manhã, estágio à tarde e casa de amiga à noite...

— Pelo menos ela chega tarde porque está estudando, e não jogando sinuca — disse Lelé, meio rispidamente.

— Quê? — o pai foi pego de surpresa pelo comentário.

— Desculpe, o pensamento veio tão rápido que não pude segurar.

— Agora você é adivinho? Como soube que estive jogando sinuca? Faz tanto tempo que não jogo... É melhor me dizer logo os números da próxima Sena.

Como se estivesse chateado por ter de explicar algo tão óbvio, Lelé fechou o livro bufando e encarou o pai.

— Não se trata de adivinhação, mas simples observação e dedução. De longe vi a mancha azul no bolso da sua calça, feita pelo giz de sinuca quando você encosta na mesa. Sua mão esquerda está suja de giz branco entre o polegar e o indicador, que é onde você apoia o taco. Quando se abaixou para me cumprimentar, pude sentir seu hálito de uísque falsificado, que é o que se bebe, provavelmente, nessas espeluncas. Finalmente, o mau humor com que chegou sugere que perdeu o jogo e até uma certa quantia de dinheiro.

Marcelo, o pai, ficou alguns instantes de boca aberta, espantado com o filho.

— Na verdade, foram só alguns trocados. Quem perde paga o tempo de mesa. Eu não aposto — respondeu o pai, quando conseguiu falar.

Rosa, a mãe, chegou um pouco depois das dez da noite. Na sala, enquanto Marcelo dormia diante da TV, Lelé lia *O manual do detetive*.

— Oi! Desculpem o atraso — disse Rosa, fechando a porta. — E o que você está fazendo acordado, menino? — ela bronqueou em tom de brincadeira.

— Estava esperando você — Lelé respondeu, sorrindo e levantando-se para beijá-la.

Os dois, mãe e filho, abraçaram-se no meio da sala.

— Já não preciso me abaixar para beijar você! — disse Rosa, com uma lágrima de saudade na voz. — Agora, já para a cama.

- Eu preciso falar com você — pediu Lelé.
— Na cama. Vá se deitando que eu já vou lá.

Lelé estava deitado, fazendo anotações em um caderno, quando a mãe entrou. Doutor mordida um brinquedo de borracha ao pé da cama.

— Você sabe que não quero que o cachorro durma aqui.

— Ele fica no chão — respondeu Lelé, colocando o caderno de lado.

— Como foi seu dia? — perguntou a mãe, sorrindo. Lelé levantou os ombros e fez uma careta.

— Tudo bem, acho.

— O que você queria conversar comigo? — ela perguntou, num tom de voz doce que só as mães conseguem expressar.

— Os caras, o Bola e o Caco, combinaram de ir ao *Shopping* quarta à tarde. Posso ir com eles?

Rosa perdeu o sorriso e o tom doce.

— Mas já? — Foi sua reação.

— Como “já”? — perguntou Lelé.

— Você nunca saiu sozinho! — Ela estava chocada.

— Não é sozinho, eu vou com os caras!

— E o que vocês vão fazer lá?

— Não sei direito, por quê?

De repente, Rosa se levantou.

— Depois a gente conversa. — Ela se abaixou e deu-lhe um beijo. — Boa-noite.

Depois que a mãe saiu, Lelé voltou a abrir o caderno:

Diário Investigativo do detetive Marcelo Tranqüili Filho
28 de março, quarta-feira

Caso n.º 1